



# O EXÉRCITO E O ENSINO SUPERIOR MILITAR NO BRASIL

Eurico Antônio C. M. Sales Grade

## INTRODUÇÃO

**A** entrada da baía de Guanabara destacam-se, pelo lado sul, os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, este um dos cartões de visita da "cidade maravilhosa" que é a antiga capital do Brasil.

Terá sido no Cara de Cão que se estabeleceram os primeiros portugueses, cerca de 1501, e foi aí que mais tarde Estácio de Sá lançou os fundamentos da povoação de S. Sebastião do Rio de Janeiro. É hoje área militar. Um grupo de arti-

lharia de costa sedia-se em antigo forte por nós construído, em instalações muito bem conservadas e restauradas. Prolongando-se em direção ao Pão de Açúcar até beijar a pequena praia da Urca o Forte de S. João abriga igualmente as modernas instalações da Escola Superior de Guerra e da Escola de Educação Física do Exército.

Do outro lado do Pão de Açúcar, a umas centenas de metros em linha reta, mas a cerca de 2 km utilizando qualquer via de acesso terrestre — pois a ligação faz-se através do bairro da Urca, uma das zo-

---

N. D. — O Autor frequentou o 2º Ano do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército do Brasil, no período de 02 Fev 81 a 11 Dez 81, com a menção "MUITO BEM". O Exército Brasileiro conferiu-lhe o prêmio "Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, "pela dedicação ao estudo e destacado desempenho". No julgamento pelo ECEME das monografias do ano letivo de 1981, a que elaborou sobre o tema "O Exército Português Após a Revolução de 25 de Abril" foi considerada "o melhor trabalho apresentado.



*Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.*

nas mais belas, sossegadas e aprazíveis do Rio, e assim escolhida para residência por algumas celebridades, como, por exemplo, Roberto Carlos — encontra-se a Praia Vermelha.

Local, outrora, de uma praça fortificada dos tempos coloniais, de que ainda restam muralhas, ameias e canhões e sede, em tempos mais recentes, de um quartel tristemente célebre — palco da sangrenta revolta dos sargentos, nos anos trinta — é na Praia Vermelha que se encontram, em edifícios de construção recente, três dos mais importantes estabeleci-

mentos de ensino superior militar: a Escola de Guerra Naval (equivalente ao nosso Instituto Superior Naval de Guerra), o Instituto Militar de Engenharia e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ou ECEME, como é vulgarmente conhecida.

Desde os últimos anos da década de 60 que oficiais portugueses têm freqüentado na ECEME o Curso de Comando e Estado-Maior (CCEM), com breve interrupção entre 75 e 77, à semelhança de oficiais de outros países europeus, da América do Norte, Central e do

Sul e até do Extremo-Oriente (Coréia do Sul).

Um bom curso é importante para a carreira do oficial brasileiro. Não só seria beneficiado em termos de futura colocação, como se lhe abrem perspectivas favoráveis no acesso a oficial general: é este o último curso curricular e elevada classificação é, não diríamos decisiva, mas certamente indispensável para ganhar as almeçadas estrelas.

O português cursa apenas o 2º e último ano do CCEM. Oficialmente considerado como ONA, "oficial de nação amiga", goza dos privilégios que a Escola proporciona aos estrangeiros e no dia-a-dia é tratado como compatriota pelos professores e companheiros de turma. Não é propriamente "mais um", mas é "aquele" que veio do lado de lá do Atlântico, tal como pelo menos um antepassado — mais ou menos remoto — da maioria. É rodeado de atenções e de um carinho especial que o fazem sentir-se entre os seus e, mais tarde, recordar com muita saudade o brevíssimo ano de curso.

Durante esse ano há oportunidade de conhecer um pouco o Brasil (ou um pouco dos diversos Brasis de um único Brasil?) e o seu Exército.

Pareceu-nos ter interesse transmitir algo do que pudemos observar durante a permanência no país irmão, especialmente no que respeita ao Exército e particularmente ao curso que frequentamos. É o que nos propomos fazer em dois artigos da "Revista Militar".

Neste primeiro, procuraremos traçar uma panorâmica das Forças

Terrestres brasileiras, necessariamente breve, e do seu esquema de ensino no que respeita a oficiais.

Em próximo artigo abordaremos a posição da ECEME e particularizaremos o Curso de Comando e Estado-Maior.

## O EXÉRCITO BRASILEIRO

### Um pouco de história

Formalmente legalizado em 1824, o Exército brasileiro teve como primeira missão constitucional, atribuída pela Carta de 25 de Março de 1824, "sustentar a independência e a integridade do Império, defendendo-o contra os inimigos externos e internos".

Porém, o seu verdadeiro nascimento ocorreu quase dois séculos antes, tendo por berço as martirizadas terras do Nordeste: Guararapes, finais do segundo quartel do século XVII. Aí vamos encontrar, lado a lado, brancos, índios e pretos, de armas na mão, lutando bravamente contra o invasor holandês. Coragem, espírito de sacrifício e harmoniosas relações pluriraciais são características que já se destacam e que se têm mantido, ao longo dos tempos na tradição do Exército brasileiro. Nesses tempos, a contribuição da Metrópole, além do envio de unidades de tropa regular, era patente na organização militar, na engenharia e na cartografia. Ainda hoje ela é recordada e elogiada, nomeadamente quando se referem as fortificações edificadas em locais tão distantes, inóspitos e de difícil acesso como são o Forte Príncipe da Beira, as

fortificações do Amazonas ou a Fortaleza de S. José de Macapá. Durante a minha estadia foram numerosas as vezes em que camaradas brasileiros louvaram, espontânea e sinceramente, não só as obras deixadas pelos nossos antepassados, como também o conceito estratégico que presidiu à sua implantação.

Entre as variadíssimas ocasiões em que o Exército prestou assinaláveis serviços à Pátria poderemos destacar a sua ação durante as lutas civis (1831-48), nas guerras com o Paraguai (1864-70) e a influência decisiva que teve, tanto na implantação da República, como posteriormente para que ela se firmasse (1893-95).

A presença da Missão Militar Francesa (1920-38) corresponde a um período de reformulação da doutrina, de reorganização estrutural e de formação de quadros.

Depois, é a segunda guerra mundial e a honrosa presença da Força Expedicionária Brasileira, sob o comando de Mascarenhas de Moraes, nos campos de batalha da Itália, gerando novo fluxo renovador

com conseqüências na doutrina, na organização e no equipamento do Exército.

A revolução de 31 de Março de 1964 tem no Exército a sua mola inspiradora, talvez por ele ser uma das instituições mais características e representativas do povo brasileiro, procurando refletir a alma da nacionalidade e as suas aspirações mais autênticas.

Hoje, a Constituição Federal define o Exército como "instituição nacional, permanente e regular, organizada com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República e dentro dos limites da lei, destinado a defender a Pátria e a garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem".

### Organização

O Exército é superiormente dirigido pelo Ministro do Exército, subordinado diretamente ao Presidente da República (e Comandante Supremo das Forças Armadas).

Organiza-se, esquematicamente, da seguinte forma:



A atuação do Exército caracteriza-se por três tipos de atividades:

– *atividades-fim*, representadas pelo cumprimento das diferentes missões de caráter operacional, sempre que seja necessária a sua ação;

– *atividades-meio*, visando prepará-lo e dotá-lo de uma organiza-

ção para o cumprimento das suas finalidades;

– *atividades-complementares*, através das quais colabora nas tarefas ligadas ao desenvolvimento nacional.

As *atividades-fim* são exercidas pelas *Forças Terrestres*, atualmente estruturadas em 4 Exércitos e 2 Comandos Militares de Área.



Administrativamente, as FT são apoiadas por Regiões Militares, englobando um ou mais Estados da Federação, as quais, por sua vez, se subordinam a um Exército ou Comando Militar.

O I Exército tem o QG no Rio de Janeiro e compreende duas Regiões Militares; o mesmo número têm os II e III Exércitos, com sede em S. Paulo e Porto Alegre, respectivamente. O IV Exército tem o comando no Recife, abrange três Regiões Militares e ainda o território de Fernando de Noronha. O Comando Militar da Amazônia, com o QG em Manaus, é o de maior área e tem duas Regiões Militares, enquanto o do Planalto apenas tem uma, sendo a sua sede na capital federal.

Tem sido muito ampla, diríamos mesmo gigantesca, a ação do Exército no apoio ao desenvolvimento nacional, a qual tem tradições que antecedem em muito a data da independência.

"O Exército não construía apenas os quartéis, as casas de pólvora e as fortalezas. Também eram obra dos seus engenheiros as estradas, os palácios, as igrejas, os charfazes, os aquedutos, como, de um modo geral, as edificações imprescindíveis à implantação das cidades"<sup>1</sup>.

A ação do Exército faz-se sentir em vários campos sendo, talvez, hoje os mais beneficiados os da construção de estradas e linhas de caminho de ferro. É uma verdadeira atividade pioneira — excelente

continuadora da dos bravos que séculos atrás rasgaram o continente, penetrando do mar em direção ao desconhecido — e indispensável ao progresso das regiões interiores, nomeadamente da Amazônia.

Também nas tarefas de colonização de áreas fronteiriças, na cartografia, na formação de especialistas em educação física e até no surto de desenvolvimento industrial se faz sentir a ação do Exército.

Quanto às *atividades-meio*, referir-nos-emos mais adiante quando abordarmos a problemática do ensino militar.

São cinco as Armas: Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia<sup>2</sup> e Comunicações.

Já nos serviços vamos encontrar diferenças relativamente ao nosso Exército: Intendência, Saúde, Veterinária e Assistência Religiosa.

Integram ainda o Exército:

— O quadro de Engenheiros militares<sup>2</sup>, aos quais compete a execução de diferentes atividades de ensino e pesquisa científico-tecnológica e de obtenção e produção dos meios materiais indispensáveis ao equipamento;

— O quadro de Material Bélico, destinado à realização de atividades ligadas ao abastecimento e manutenção de viaturas, de armamento e de munições;

— O magistério do Exército, que se encarrega dos diferentes níveis de ensino nas Escolas Militares;

1. "O Exército Brasileiro", general Lyra Tavares.

2. Os oficiais de engenharia saídos da AMAN são separadores. O engenheiro militar é o que conclui com aproveitamento o curso do IME.

— Os quadros de oficiais de administração e de oficiais especialistas, formados por capitães e subalternos oriundos, por sua vez, do quadro de subtenentes e sargentos.

Estão atualmente em serviço efetivo mais de 180 mil homens — enquanto que a Marinha e a Aeronáutica possuem, cada uma, cerca de 50 mil — dos quais 132 mil são praças, 35.500 são subtenentes e sargentos e pouco mais de 15 mil são oficiais.

Os oficiais são:

- 11 generais de Exército (das Armas)
- 37 generais de Divisão (32 das Armas, 3 Engenheiros, 1 médico e 1 de intendência)
- 83 generais de Brigada
- 9600 outros oficiais dos quadros permanentes
- 3000 do quadro auxiliar de oficiais
- 2500 oficiais da Reserva (o equivalente aos oficiais do complemento do nosso Exército).

O serviço militar obrigatório cumpre-se aos 18 anos e dura 12 meses.

Cerca de metade das praças ao serviço estão em SMO, enquanto as outras constituem o que se chama o "núcleo base", que é um misto dos nossos sistemas de readmitidos e contratados, compreendendo os especialistas de mais demorada ou mais cara formação e ainda os conscritos que se destacaram e pretenderam continuar nas fileiras.

Por aquilo que me foi dado apreciar, é grande a preocupação com a instrução, quer individual,

quer de unidades constituídas, mantendo-se quase permanentemente em atividades fora dos quartéis parte importante do efetivo.

O Estado-Maior do Exército tem composição e funcionamento bastante diferentes do seu homônimo português. Divide-se em cinco subchefias, articuladas em seções. A primeira, a subchefia Executiva, encarrega-se daquilo que poderíamos chamar o dia-a-dia da Organização, exigindo planeamento e execução a curto prazo. As suas cinco seções são: "Pessoal", "Informações", "Ensino e Instrução", "Logística" e "Assuntos Cívicos e Operações Psicológicas".

A designação de segunda subchefia define-a: "Planeamento Operacional". Tem três seções: "Operações", "Apoio Administrativo" e "Mobilização".

As outras três subchefias tratam dos outros assuntos, como planeamento estrutural, doutrina e pesquisa, etc.

## O ENSINO MILITAR: A CARREIRA DO OFICIAL

A cúpula do ensino militar centraliza-se no Departamento de Ensino e Pesquisa, um dos órgãos de direção setorial do Ministério. A ele se subordinam cinco Direções:

- de Formação e Aperfeiçoamento
- de Especialização e Extensão
- de Pesquisa e Ensino Técnico
- de Ensino Preparatório e Assistencial
- de Assuntos Especiais e de Educação Física e Desportos.

É na Direção de Formação e Aperfeiçoamento que vamos encontrar a linha formativa dos futuros chefes militares: Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) + Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) + Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Dela também dependem os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva e a Escola de Sargentos das Armas (equivalente à nossa Escola de Sargentos do Exército, mas destinada apenas aos "combatentes").

Das outras Direções, consoante as finalidades, dependem as outras Escolas, como a Escola de Saúde do Exército e a Escola Veterinária — as quais, embora fundamentalmente vocacionadas para a especialização, também têm por missão o formar os oficiais médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários de que o Exército necessita — os Colégios Militares, a Escola Preparatória de Cadetes, a Escola de Educação Física, as Escolas de Instrução Especializada, etc.

A Escola Preparatória de Cadetes, localizada na bela cidade de Campinas, a cerca de 100 km de S. Paulo, tem por principal finalidade preparar o futuro aluno da AMAN. O curso é de 3 anos — correspondentes aos últimos do liceu — incluindo, além da parte cultural, instrução militar. O aluno nada paga, recebe fardamento e um pequeno soldo. Concluído o curso, se quiser concorrer à AMAN, o que sucede à maioria, é dispensado das provas culturais do exame de admissão.

A AMAN tem por missão formar oficiais subalternos e iniciar a preparação do capitão e do instrutor.

Além dos cadetes, podem concorrer os jovens com o curso científico completo (12º ano de escolaridade), os quais são submetidos a rigorosos exames médicos, psicológicos, de provas físicas e culturais. Os candidatos são em número elevadíssimo.

Os cursos são de quatro anos, dois comuns (curso básico) e dois da respectiva Arma ou Serviço. Da AMAN saem os quadros permanentes das cinco Armas, do Material Bélico e de Intendência.

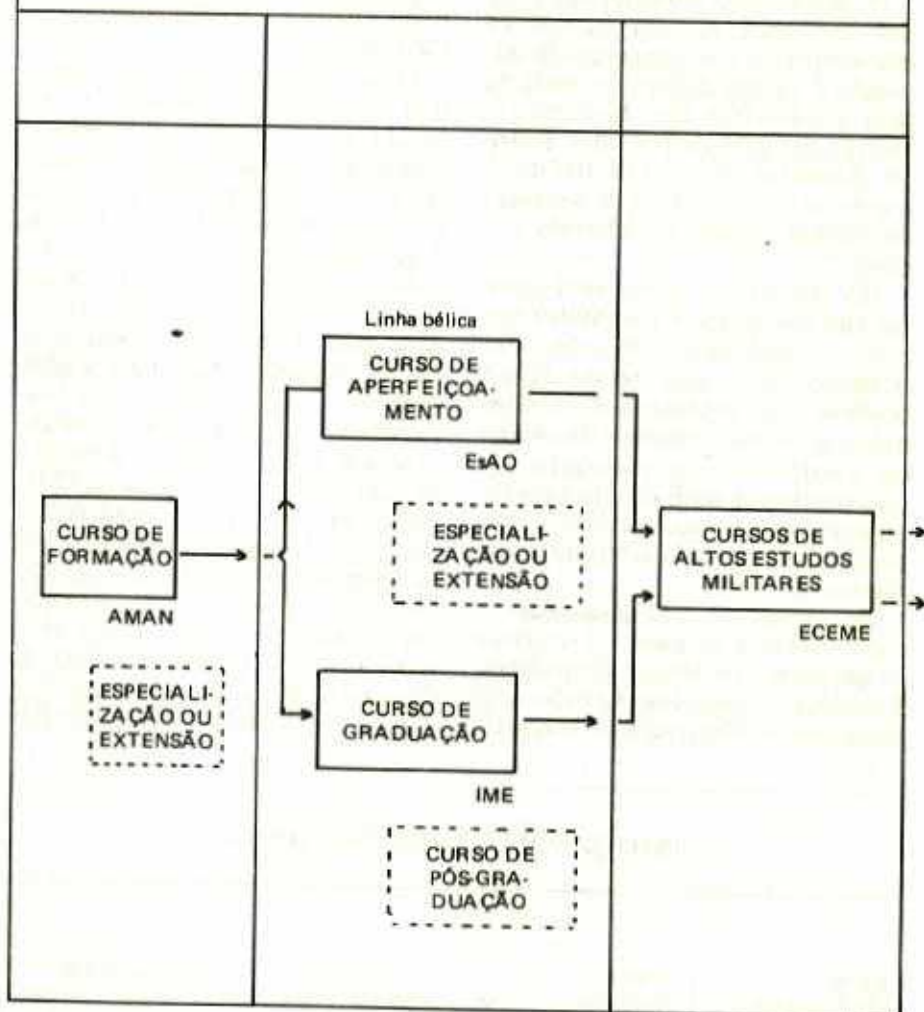
Gostaria de destacar a importância que se dá à preparação científica do instrutor: a AMAN não se preocupa em iniciar a formação de generais ou oficiais superiores; para isso haverá, em tempo oportuno, a freqüência de outras Escolas. Mas ensinar a ser instrutor é considerado fundamental. E não será na instrução que o oficial aplicará a maior parte do seu tempo, especialmente no início da carreira?

Nesse dealbar da carreira, o jovem oficial freqüenta cursos de especialização ou de extensão (operações na selva, educação física, equitação, técnicos de material, artilharia antiaérea, artilharia de costa, guerra química, estudos de pessoal, etc.).

Passados alguns anos da sua promoção a capitão defronta-se com a grande opção da carreira: ou segue a linha científico-técnica ou a linha bélica.



## O ENSINO MILITAR SUPERIOR



A linha científico-técnica destina-se a formar os engenheiros que o Exército necessita: armamento, comunicações, eletrotécnicos, químicos, civis, geógrafos, mecânicos.

Ao Instituto Militar de Engenharia (IME) podem concorrer não só os oficiais do Exército oriundos de quaisquer cursos da Academia Militar, como também

praças ou civis nacionais e estrangeiros.

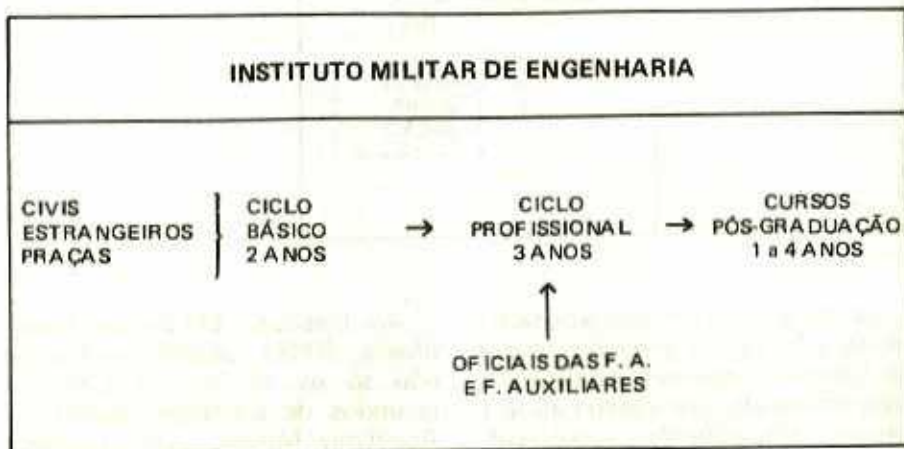
O Instituto é considerado uma das melhores escolas superiores das Américas e o concurso de admissão é muito disputado, pois os seus engenheiros têm fácil aceitação no mercado de trabalho. Entre os discentes contam-se habitualmente oficiais das Forças Armadas de outros países da América Latina.

No tempo do curso, os finalistas são obrigados a apresentar um projeto, por especialização, em trabalho de grupo, tendo como objetivo um problema de caráter nacional e de interesse industrial ou científico. É o momento em que os oficiais do Exército deixam de pertencer ao seu quadro de origem para ingressarem no de engenheiros militares.

Os cursos de pós-graduação — para militares ou civis — incluem a Engenharia Nuclear, Engenharia Eletrônica, Química, Ciência dos Materiais e Matemática Aplicada.

Visam a melhoria da formação técnico-científica, a preparação e aperfeiçoamento de professores de nível superior e o desenvolvimento da investigação.

O aperfeiçoamento dos oficiais que optam pela *linha bélica* é realizado na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), situada na Vila Militar, em um dos extremos da cidade do Rio de Janeiro. Tive oportunidade de visitar a Escola e além da noção de eficiência e de sentido de profissionalismo que ressalta de todas as suas atividades, também me impressionou bastante — e ainda a tenho bem presente! — a diferença de temperatura que se sentia. Nessa manhã, ao sairmos (os ONA) da ECEME, junto ao mar, o termômetro rondava os 30 graus e corria uma brisa bem agradável; na EsAO estavam mais de 40 graus e não se sentia a mais leve aragem... É a zona mais quente do Rio, afastada do Oceano e da baía, perto do atual campo de futebol do popular Bo-



tafogo, nascido no bairro do mesmo nome, a escassas centenas de metros da ECEME.

Os cursos da EsAO duram um ano letivo, o qual vai de Fevereiro a Dezembro, são freqüentados por capitães das Armas, de Intendência e médicos e têm uma parte comum e outra específica de cada quatro. Transmitem a bagagem necessária para o exercício de cargos e funções de estado-maior e de comando e chefia de pequenas unidades e de órgãos de serviços.

A nomeação para os cursos faz-se segundo as "turmas" de saída da AMAN (ou Escola de Saúde do Exército, no caso dos médicos).

Aprovado na EsAO o oficial reúne as condições mínimas para se habilitar às promoções até coronel e para poder concorrer ao instituto de mais elevado grau de ensino militar: a Escola de Comando e Estado-Maior.

## A ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

A ECEME foi criada por decreto de 2 de outubro de 1905. Até à 2ª GM o ensino foi profundamente influenciado pela orientação da Missão Militar Francesa (1920-1938), patente nos métodos de raciocínio e na técnica de planejamento. Posteriormente passou a seguir-se a metodologia norte-americana.

Desde 1940 a Escola está instalada em histórico recanto da zona sul da Guanabara, a praia Vermelha, zona predominantemente militar profundamente encaixada entre três morros.

De um lado, os da Urca e do Pão de Açúcar, no sopé dos quais estão a ECEME e o Edifício Praia Vermelha, de 14 andares, constituído por três blocos de apartamentos, administrado pela 1ª Região Militar e onde habitam muitos dos alunos da ECEME e do Instituto Militar de Engenharia (IME).

Em frente, junto ao morro Babilônia que separa a praia Vermelha da de Copacabana, há o IME e a Escola de Guerra Naval (equivalente ao nosso Instituto Superior Naval de Guerra). Entre ambos, a estação do teleférico para o Pão de Açúcar.

Junto à praia fica o Círculo Militar, ocupando parte de antigo forte português, que nos anos 20 abrigou uma das mais conhecidas e elegantes boîtes do Rio e agora está transformado em centro de convívio de militares. Tem uma direção eleita anualmente e constituída por alunos do 2º ano da ECEME. Incrementa atividades desportivas — há três campos de voleibol, modalidade extremamente popular no Brasil e um pequeno ginásio — atividades culturais — promovendo reuniões e colóquios e organizando periodicamente cursos de extensão cultural destinados às famílias dos militares — atividades educativas e recreativas. O restaurante espraia-se pela esplanada do forte, sobranceira à praia, donde se pode apreciar os navios que demandam o porto, tendo como pano de fundo a costa norte, para lá da vizinha cidade de Niterói.

## Missão

Como dissemos anteriormente, a ECEME está na dependência da Direção de Formação e Aperfeiçoamento do Departamento de Ensino e Pesquisa do Ministério.

Tem por missão:

— preparar:

- os oficiais das Armas, para o comando de GU e escalões superiores do Exército, para o exercício de funções privativas de oficial general e para cargos de estado-maior de GU e altos órgãos de administração do Exército;

- os oficiais engenheiros militares, para as funções inerentes a oficial general engenheiro e para as de assessoria de altos órgãos da administração ou de atividades pertinentes à mobilização industrial e ainda de direção de estabelecimentos militares;

- os oficiais dos serviços, para o exercício de funções privativas de oficial general dos serviços e de funções de EM peculiares ao serviço das GU e dos escalões superiores do Exército;

— contribuir para:

- o desenvolvimento e atualização da doutrina militar;

- a atualização de conhecimentos dos oficiais que já possuem o curso de EM;

- a orientação e preparação dos candidatos à matrícula na Escola.

A análise da missão permite detectar algumas diferenças relativamente ao nosso ensino superior militar:

— por um só curso preparam-se os futuros oficiais gerais e os

membros dos EM das grandes unidades;

— embora contendo uma parte comum, o curso das Armas é diferente do dos Serviços e do de Engenharia militar.

Se quanto à primeira diferença podemos encontrar aspectos positivos e outros negativos, estando o saldo muito dependente da orientação que fôr dada ao curso, já quanto à segunda julgamos mais adequada a sistemática brasileira: em caso algum o oficial general médico ou de administração militar necessitará possuir o mesmo grau de conhecimentos táticos que o das Armas; também o oficial dos serviços não estará a ser convenientemente aproveitado quando se lhe ministram os mesmos conhecimentos de EM que ao infante, cavaleiro ou artilheiro.

## Organização

O comandante da Escola (general de brigada) e o subcomandante (coronel) são, respectivamente, o diretor e o subdiretor de ensino.

Na sua dependência há:

— órgãos de assessoramento, coordenação e controle:

— conselho de ensino

— estado-maior pessoal do comandante

— divisão de ensino

— divisão de doutrina

— órgãos de apoio:

— divisão de alunos

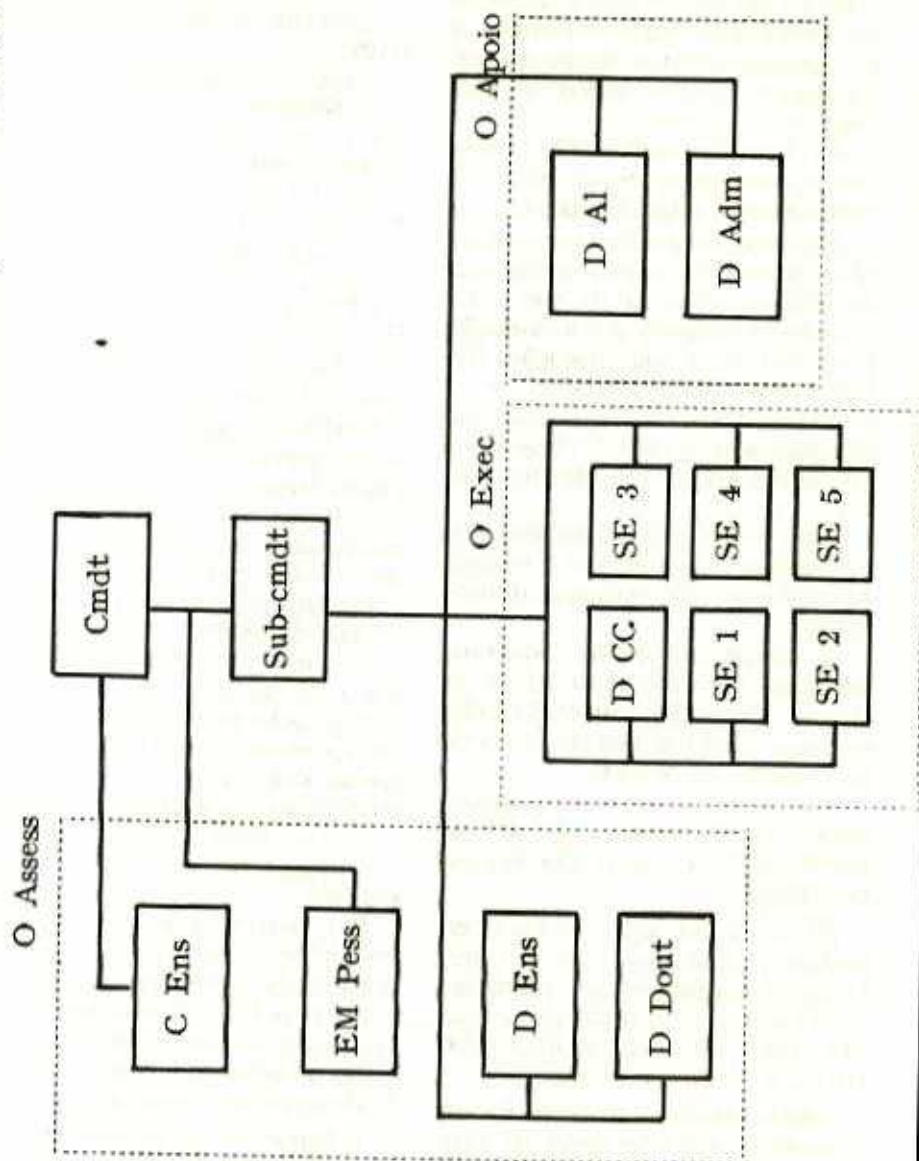
— divisão administrativa

— órgãos de execução do ensino:

— divisão de cursos complementares

— seções de ensino

## ORGANIZAÇÃO DA ECEME



O Conselho de Ensino, composto pelos diretor e subdiretor de ensino, chefes de divisão e de seção de ensino é o órgão consultivo e de assessoramento direto do comandante. Reúne todos os dias úteis.

As divisões e seções são chefiadas por coronéis, dependendo diretamente do subcomandante.

A divisão de ensino apoia as seções de ensino quanto a técnicas de ensino e emprego de meios auxiliares, estudando a sua evolução e verificando a sua aplicação. Verifica toda a documentação de ensino, prepara estágios de atualização pedagógica para professores e estabelece os programas dos cursos.

A divisão de doutrina elabora os manuais e regulamentos e esclarece as dúvidas de natureza doutrinária.

A divisão de alunos funciona fundamentalmente para apoiar os alunos, não só em aspectos escolares mas também nos da sua vida profissional ou privada.

A divisão de cursos complementares trata de tudo o que se relaciona com os cursos por correspondência.

As cinco seções de ensino respeitam a segurança interna (um), tática de brigada (dois), operações de divisão e de exército de campanha (três), logística (quatro) e extensão profissional (cinco).

Para o funcionamento da Escola o quadro orgânico prevê 93 professores, além do pessoal de apoio (incluindo várias psicólogas) e administrativo.

## Os cursos

Na ECEME são ministrados:

- cursos de altos estudos militares
- cursos complementares
- estágios.

Os cursos de altos estudos são a razão da existência da ECEME e, como tal, diretamente relacionados com a sua missão. São:

— Curso de comando e estado-maior para oficiais combatentes (CEEM), com a duração de 2 anos; é o curso base da Escola;

— Curso de chefia e estado-maior de serviço para oficiais de intendência; também de 2 anos, sendo grande parte das aulas dadas em comum com o CEEM;

— Curso de direção e estado-maior para engenheiros militares; dura 1 ano, com grande parte das aulas em comum com o 1º ou o 2º ano do CEEM;

— Curso de chefia e estado-maior de serviço para oficiais médicos; dado em moldes semelhantes ao do dos engenheiros, foi suspenso em 1982, passando desde então a ser por correspondência.

Os cursos complementares são:

— Curso de preparação para a ECEME:

Por correspondência, dura 1 ano letivo. Destina-se a orientar a preparação dos candidatos à matrícula na ECEME e a selecioná-los tendo em vista o subsequente concurso de admissão. Não tem número de vagas estabelecido.

— Curso de atualização dos diplomados pela ECEME:

Por correspondência, durante 1 ano letivo. Visa atualizar os conhe-

cimentos dos diplomados pela ECEME, permitindo-lhes o acompanhamento da evolução da doutrina e a oportunidade de exercitar a solução de problemas táticos. É freqüentado — em regime de voluntariado — por cada oficial, de 5 em 5 anos.

Os *estágios* são:

— Estágio preparatório para comandantes de organizações militares:

Por correspondência, com a duração de 4 meses, freqüentado por oficiais selecionados pelo gabinete do Ministro. Destina-se a transmitir conhecimentos sobre as normas e procedimentos administrativos necessários ao exercício do comando.

— Estágio de atualização pedagógica:

Para professores da ECEME, com a duração de 2 semanas, imediatamente antes do início das aulas.

Para 1981, os concorrentes à ECEME eram várias centenas. Foram aceites ao concurso de admissão cerca de quatrocentos, para entrarem aproximadamente 100.

A seleção dos candidatos abrange:

— exame psicológico (bateria de testes)

— exame de aptidão física

— o já referido concurso de admissão, que consta de provas escritas de história, de geografia, de movimentos revolucionários e de idiomas estrangeiros. São dispensados deste concurso o primeiro classificado do curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e

também o segundo em cursos de mais de 20 alunos.

No ano letivo de 81 houve 120 alunos no 1º ano do CCEM (sendo 14 estrangeiros) e 130 no 2º ano (13 estrangeiros e 117 nacionais, dos quais 108 no curso das armas e 9 no de intendência).

O curso de atualização foi freqüentado por 250 oficiais dos cursos diplomados pela ECEME em 1961, 66, 71 e 76.

## O CURSO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

O Curso tem um cariz essencialmente tático. No 1º ano trabalham-se as brigadas e no 2º a divisão, o exército de campanha e as forças terrestres do TO (na organização-tipo não é considerado o corpo de exército).

Vamos referir-nos especialmente ao 2º ano, que é o que tem sido freqüentado pelos oficiais portugueses.

### As aulas

O regime normal de trabalho comporta 30 horas semanais para as atividades de classe e 20 horas para o estudo no domicílio ou seja, dez horas diárias, se não considerarmos o sábado e domingo que se pretende sejam dedicados, por norma, à família ou ao lazer.

O estudo no domicílio assume aspectos diversos, desde a preparação de cartas ou a revisão de matérias atrasadas até ao estudo de regulamentos e manuais — que passam a considerar-se como sabidos — ou a resposta a questioná-

rios, ou ainda a elaboração de documentos para posterior discussão em salas.

As aulas começam às 7.30 prolongando-se até às 12.30. Pelo menos em dois dias há aulas de tarde, destinadas à aprendizagem de idiomas estrangeiros (espanhol, francês, inglês e alemão) e à prática de desportos.

O trabalho em grupo é muito utilizado. Os grupos não têm constituição fixa, sendo estabelecidos pela Seção Técnica, procurando-se a maior variação possível. Após discussão interna para a obtenção de um consenso, segue-se o debate entre grupos — por vezes acalorado, mas sempre com a presença do característico bom humor brasileiro — e a síntese ou solução por parte do instrutor.

Os instrutores têm conhecimentos acima da média — são, naturalmente, rigorosamente selecionados — e embora tragam a lição perfeitamente definida e esquematiza, segundo os clássicos métodos americanos, conseguem dar vivacidade ao ensino, prendendo facilmente a atenção dos instruendos, não só pelo carácter prático das aulas, mas também — e principalmente — pela sua boa disposição e fluência no falar.

Para os dois anos, a distribuição percentual das horas de aula é a seguinte:

- Serviço de estado-maior 5%
- Segurança interna . . . . . 13%
- Operações militares . . . . . 65%
- Operações e informações 54%
- Apoio administrativo . . . . . 25%
- Apoio de combate . . . . . 21%
- Extensão profissional (estra-

tégia, história, mobilização, administração) . . . . . 9%

— Extensão cultural (política, economia, direito e psicologia) . . . . . 8%

É exigência curricular a apresentação de uma monografia. O instrutor propõe quatro temas que sejam de interesse para a formação profissional; os oficiais das nações amigas (ONA) fazem-no relativamente a aspectos do seu país, militares ou outros. A escola escolhe um, o qual terá que ser entregue escrito até cinco meses antes do final do curso. Alguns são seleccionados para apresentação sob a forma de conferência, seguida de período de debate.

#### Os alunos

É tradicionalmente fácil o relacionamento entre militares. O cidadão brasileiro é aberto e afável. Não admira, pois, que o ambiente na ECEME seja extremamente agradável — embora por vezes se note a tensão provocada pelo forte desejo de obter boa classificação — e os ONA se adaptem e enquadrem rapidamente no meio.

Nove ONA transitaram do 1º para o 2º ano: italiano, francês, argentino, sul-coreano, hondurenho, boliviano, paraguaio e dois venezuelanos. Quatro só foram frequentar o 2º ano: colombiano, chileno, alemão federal e português. Estes quatro e ainda o italiano e o argentino já possuíam o curso de estado-maior dos seus países.

O entendimento entre ONA foi notável, assim como os companheiros brasileiros. Foram estabe-



lecionadas algumas sólidas relações de amizade, que certamente perduraram, e igualmente se estendiam aos instrutores. Recordo, por exemplo, o "xerife",<sup>1</sup> meu companheiro de carteira, sempre pronto para me dar os "macetes"<sup>2</sup> que tanto me facilitaram a vida, e companheiro também das horas de folga, tão depressa convidando para um bom espetáculo, ou para uma roda de amigos, ou para o acompanharmos no seu ambiente familiar. Lembro o ONA, parceiro sempre pronto para as partidas de tênis — mesmo às horas mais soalheiras, em que os próprios brasileiros debandavam dos courts do Clube Militar — ou para as sessões de sauna, que depois se prolongavam pela noite, em casa de uns ou de outros, em amenas cavaqueiras sobre as experiências militares de cada um, sobre os nossos países ou sobre o que se passava à nossa volta.

Recordo ainda as excursões de saiveiro às ilhas tropicais, professores, alunos e seus familiares em alegre confraternização, bebendo a caipirinha,<sup>3</sup> cantando ou mergulhando nas cálidas águas.

Recordo, por fim, os animados fins de tarde na esplanada do Círculo Militar, procurando esquecer as "amargas horas" imediatamente anteriores ocupadas em exigentes e extensos exames, batendo-nos com espetaculares churrascos con-

feccionados pelos gaúchos do curso. No final, já com a Lua mirando-se gaiatamente nas águas fronteiras, apareciam sempre um violão e vários cantadores ao desafio. O fado também não faltava, na interpretação de um carioca ou um nordestino, reconhecida que era por todos a completa negação do português para o canto...

### As visitas e viagens de estudo

Durante o 2º ano foram efetuadas mais de uma dezena de visitas, de um ou dois dias, a organizações ou locais de interesse militar ou geral: estabelecimentos de ensino militar e unidade dos três ramos; Fundação Getúlio Vargas; Universidade Gama Filho; Centro Técnico da Aeronáutica e EMBRAER (empresa brasileira de construção aeronáutica); Ferrovia do Aço. Todas muito interessantes, destacando-se as duas últimas, em que nos foi possibilitado ver e admirar o desenvolvimento tecnológico de que já são possuidores os nossos irmãos brasileiros.

Foram, porém, as viagens o que mais nos impressionou. A primeira foi centrada em S. Paulo, monstro de cimento e asfalto, nascida em 1553 quando Anchieta e Nóbrega resolveram criar uma pequena escola para ensino do catecismo aos indígenas. 20 milhões de pessoas vivem e trabalham na Grande S. Paulo. O choque é profundo para quem já se habituara ao Rio, todo beleza natural, com a sua gente de ar despreocupado e pachorrento. Aqui, pelo contrário, é o gênio humano a transformar a natureza, é

1. Designação tradicional do chefe de curso.

2. Indicações de caráter prático. Por exemplo: as perguntas que determinado professor sempre fazia; ou as matérias que não eram objeto de exame.

3. Bebida feita com cachaça, açúcar, limão e gelo.

o andar apressado e preocupado do cidadão parecendo que tem sempre algo a fazer, e com urgência. Um Brasil diferente! Visitamos instalações fabris militares e civis, institutos científicos, os Quartéis Gerais do II Exército e da Polícia Militar e ainda a Escola Preparatória de Cadetes, na bela cidade de Campinas, a cerca de 100 km de S. Paulo.

Espetacular (o termo fica certamente aquém da realidade) foi a viagem efetuada pelos ONA ao Centro, Amazonas e Nordeste. 7.800 km em catorze dias fizeram-nos conhecer mais alguns Brasis e aumentaram, em muito, o respeito e admiração que já tínhamos pelos nossos antepassados, além de nos alegrar e tranquilizar quanto ao futuro deste país a que estivemos e estamos tão intimamente ligados.

Um primeiro salto a Brasília, o sonho transformado em realidade, cidade nascida no deserto, funcional mas fria. Ninguém pode ficar indiferente perante ela: ou a adora, ou a detesta. Daí até Manaus, dois mil quilômetros sobre floresta e rio, rio e floresta. Capital do estado do Amazonas, após um período de nítido declínio, conhece novamente um surto de progresso provocado pela criação da zona franca e de desenvolvido polo industrial. O Centro de Instrução de Guerra na Selva é unidade modelar, onde se preparam com grande realismo e sentido prático os militares brasileiros e de outras nacionalidades para operações na selva. É impressionante o passeio, por barco, à confluência dos rios Negro e Solimões, seguindo durante

algumas milhas as águas negras de um e barrentas do outro, lado a lado, sem se misturarem, até que por fim a integração se faz e o Amazonas se sobrepõe aos dois e inicia sua caminhada galopante para o Atlântico.

Foi Belém, capital do Pará, porta de entrada da Amazônia a nossa paragem seguinte. Em 1616 Francisco Caldeira erigiu o forte do Presépio. Hoje, 800 mil almas desfrutam de verão permanente, com uma temperatura média de 26 graus, em cidade onde o moderno se casa, sem ferir, com o antigo de marcada influência lusitana.

Pouco mais de mil quilômetros andados chegamos a Fortaleza. Capital do Ceará, novecentos mil habitantes. Um forte holandês na sua origem. Cidade limpa, alegre e relativamente próspera, custa-nos a acreditar que estamos no Nordeste, no tão falado Nordeste brasileiro. Ficamos com a nossa opinião sobre ele, não coincidente — em alguns pontos fundamentais — com a que a comunicação social de uma maneira geral difunde.

O porto está atafalhado de jangadas, de frágeis e rústicas embarcações de meia dúzia de troncos e uma vela triangular que abastecem os restaurantes, a preços verdadeiramente convidativos, de numerosas variedades de peixes e mariscos. Como nota interessante, o Secretário do Turismo do Ceará é um português.

O maior centro urbano do Nordeste é o Recife, nascido de uma colônia de pescadores, que deve o seu nome a uma linha de recifes que se desenha ao longo da costa e

protege a entrada do porto. Hoje com um milhão e duzentos mil habitantes está largamente industrializada, mas as suas praias verdadeiramente de sonho continuam a constituir a maior atração para os visitantes. Paredes meias com o Recife, beijando o mar, está Olinda, onde o passado português não foi cilindrado pelo moderno urbanismo. Mais para o interior, mas bem perto, pudemos visitar os campos de Guararapes, com a capela erigida em preito de gratidão e o seu singelo monumento, recordando a derrota definitiva do invasor holandês face ao português luso e ao português das terras de Santa Cruz.

Salvador, capital da Bahia e até 1763 capital do Brasil, foi a nossa última etapa. Será que podemos imaginar uma mistura das cidades do Porto e de Luanda? Foi assim que vimos Salvador. Ruas e ruas, casas e igrejas que nos faziam sentir no nosso Norte. O clima, as gentes, o linguajar transportávamos para Angola.

Contraste permanente do antigo e do moderno. Praias magníficas e um polo industrial em franco desenvolvimento. Museus e centros turísticos. O catolicismo e os "orixás".

Por fim o regresso ao Rio, sobrevoando as plataformas de pesquisa petrolífera, mais outra riqueza que deixou de ser uma esperança para se transformar em feliz realidade.

Quase no final do ano o curso desdobrou-se em vários grupos para visita a áreas específicas.

Coube-nos o Sul: onze dias de viagem pelos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, além de breves estadias na Argentina e Paraguai. Um outro Brasil fomos encontrar. Muito mais forte colonização europeia, especialmente de italianos e alemães, ausência quase total de descendentes de africanos. A agricultura a imperar. A figura típica do gaúcho a sobressair.

Tanto haveria a referir! Limitamo-nos a destacar o majestoso espetáculo das cataratas de Foz do Iguaçu, junto às fronteiras com a Argentina e com o Paraguai, com as águas tombando de mais de oitenta metros, entre escarpas e arvoredos, quase a perder de vista e a importância e magnitude da barragem de Itaipu, sobre o rio Paraná.

Alongamo-nos sobre as viagens, mas dissemos muito menos do que gostaríamos. Foram dias extremamente positivos que nos deram — aos ONA — uma visão sobre o que é o Brasil, que não nos poderia ter sido transmitida por mais horas de aula que tivéssemos. Quer da parte militar, quer nos aspectos políticos, sociais, económicos e culturais, as visitas, as conferências, os debates e — porque não? — o diálogo com as gentes, permitiram-nos ficar com um conhecimento razoavelmente aprofundado do que é a realidade brasileira.

### As classificações

A nota final do curso provém de dois grupos de notas:

- avaliação do desempenho
- verificações.

A avaliação do desempenho é a

quantificação de vários aspectos (ou qualidades) militares, referida exclusivamente às atividades que o aluno desenvolveu durante o período em que frequentou o curso.

Vale cerca de 23% da nota final.

As verificações, que somam aproximadamente 77% do total, constituem o conjunto de provas a que o aluno é submetido.

As mais importantes, as verificações correntes (VC), são trabalhos individuais escritos, realizados normalmente após a conclusão do estudo de um grupo de assuntos, em datas marcadas logo no início do ano. Cada VC tem 3 a 4 horas de duração e efetuam-se várias em curto período. Sucede-nos, por exemplo, ter cinco provas em três dias consecutivos. É desgastante e provoca uma certa tensão. Saliente-se que as VC são efetuadas sem a presença do instrutor, em sistema de total confiança na honestidade do aluno; as provas são entregues corrigidas, ficando na posse do próprio.

No final do curso há quatro classificações possíveis:

- insuficiente (0 a 3,99 valores)
- regular (4 a 5,99)
- bem (6 a 7,99)
- muito bem (8 a 10 valores).

É rara a atribuição do "insuficiente". A maioria das classificações é de "bem".

O "muito bem" é concedido a muito poucos alunos. Por exemplo, em 1981, dos 120 finalistas do curso das armas, apenas quatro o obtiveram. É, assim, natural e compreensível que seja dada bastante importância a este fato no prosseguimento da carreira do ofi-

cial brasileiro e que todos — brasileiros ou ONA — se sintam extremamente honrados com tal distinção.

## ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA

A Escola Superior de Guerra (ESG), foi criada na década de 50, tendo como base um núcleo dos mais brilhantes ex-instrutores da ECEME, sendo considerada filha espiritual desta.

Os cursos que ministra não são de carreira. Alguns oficiais superiores do Exército, com o curso da ECEME ou do IME, são nomeados pelo Ministro para, conjuntamente com oficiais dos outros Ramos da FA e com civis categorizados, aperfeiçoarem os conhecimentos de alto nível necessários ao estudo dos problemas de segurança nacional, no chamado Curso Superior de Guerra.

Há ainda um outro curso destinado a preparar, em estudos de conjunto, os oficiais de EM dos três Ramos para os órgãos e comissões conjuntas.

Passaram pela ESG, como professores, alguns dos mais distintos oficiais brasileiros. Conta-se que, em período anterior a 1964, determinado Ministro da Guerra resolveu retirar dos comandos de tropa todos os militares que considerava como opositores ao regime. Vários foram colocados na ESG, onde tiveram tempo de pensar, refletir e planejar todas as operações da tomada do Poder e de meditar sobre a filosofia do Estado brasileiro. Lá estavam, entre outros, o ge-

neral Golbery — após a revolução chefe da Casa Militar e conselheiro de vários presidentes da República — e o general Geisel, um desses presidentes.

## CONCLUSÃO

Qualquer Exército vale o que valerem os seus homens. Os mais brilhantes projetos, as armas mais eficientes, os mais aperfeiçoados mecanismos de pouco servirão se não se dispuser de pessoal capacitado física, técnica e moralmente. Daí o cuidado e atenção com que o Exército brasileiro encara a formação, a seleção e o aperfeiçoamento dos seus homens.

A ECEME, escola de generais, é o espelho dessa preocupação. Os seus padrões de eficiência são conhecidos e admirados não só no âmbito nacional, mas também no estrangeiro.

Para o oficial português é duplamente remuneradora a sua presença no Curso. Por um lado, aumenta os seus conhecimentos militares, dando também algo em troca, muito para além da mera presença simbólica de mais um oficial de

nação amiga — conceito, aliás, que, insiste-se, não corresponde à realidade: o português é tratado sentimentalmente como se brasileiro fosse, sem perder nenhum dos privilégios dos ONA. Por outro lado, tem oportunidade de conhecer este imenso e maravilhoso território que os seus antepassados descobriram, povoaram, desbravaram e ajudaram a desenvolver. Orgulha-se do seu país e sente uma profunda alegria por antever um brilhante futuro à Nação-Continente sua irmã, ciente de que o homem — sempre o motor! — em que continua a correr muito sangue lusitano, saberá explorar todas as suas potencialidades, entendendo e cumprindo a frase que é também divisa de um dos seus Estados mais importantes: "PRO BRASÍLIA FIANT EXIMIA" — pelo Brasil façam-se grandes coisas.

## Bibliografia

- "O Exército brasileiro", General Lyra Tavares, 1967.
- "O seu Exército", Assessoria de Relações Públicas do M.E. — Brasil.
- "Brasil", José Azevedo, 1979.
- Documentação diversa da ECEME.



*O Coronel de Artilharia Eurico Antonio de C.M. Sales Grade, do Exército Português, tem o seguinte Registro de Serviço, entre outros: Curso de Radar de Artilharia Anti-aérea, Comandante de Companhia de Artilharia em Angola, Curso de Estado-Maior no Instituto de Altos Estudos Militares, Chefe de Estado-Maior do Comando Chefe das Forças Armadas em Timor, Comandante do Regimento de Artilharia de Beja, Professor do Instituto de Altos Estudos Militares desde 1978, Curso de Comando e Estado-Maior na ECEME, Brasil, onde lhe foi atribuído o Prémio "Escola de Comando e Estado-Maior".*

*Efetivou vistas de trabalho a Espanha, Marrocos, Luxemburgo, Bélgica, República Federal da Alemanha, Indonésia e República da China (Formosa).*